

A estação ainda vive de saudade

Com o título "Trem na ponta da linha", o **Correio Braziliense** de 24 de abril de 1968 publicou reportagem da inauguração da Estação Ferroviária Bernardo Sayão, no Núcleo Bandeirante. A solenidade contou com as presenças do então presidente Arthur da Costa e Silva, autoridades civis, militares e grande parte de populares. Foi numa manhã de muito sol e várias faixas desfraldadas, saudavam o presidente e o 2º Batalhão Ferroviário, construtor da ferrovia. A matéria do "CB" começou dizendo que "toda cidade nasce à margem de um rio, do leito de uma estrada de ferro, de uma rodovia ou à beira mar". Terminou afirmando "o trem chegou dentro do horário. Não atrasou nada".

Agora, passados mais de 12 anos, quando se inaugura uma nova estação, com projeto de Oscar Niemeyer, observa-se que a velha estação está abandonada. Nem o letreiro que indicava a homenagem a Bernardo Sayão, um pioneiro e um dos construtores de Brasília, existe mais. No local, apenas algumas letras soltas. Como lembrança dos tempos passados, ainda funciona um aparelho telegráfico, "dos antigos e importados", como faz questão de dizer o agente de estação, Ricardo Vitorino, um sino de orientar manobreiros e dois velhos vagões, que, segundo ele, estão sendo vendidos como relíquia, para alguém que gosta de antiguidades ou para um museu.

PASSAGEIROS

Após a inauguração da Estação Ferroviária, começaram a circular os trens de passageiros, ligando Brasília a Araguari, Belo Horizonte e São Paulo. Quem conta essa história é Absalão Bezerra, dono do Bar e Restaurante Lustosa, o único a funcionar atualmente na estação. "Naquela época, era tudo muito arrumado, com carros-leito, cabine, carro-restaurante, carro pulman, num conforto absoluto".

O trem Paulista, que ligava Brasília a São Paulo, era uma maravilha e, além de tudo, tinha até ar refrigerado, para comodidade dos passageiros. Na Estação, tinha sempre muita gente, perguntando, comprando passagem e viajando. Turista era o que não faltava, especialmente estrangeiros, que são os que mais admiraram o transporte ferroviário. Até excursões eram freqüentes já que a viagem, por ser mais demorada, se transformava

Há cerca de seis meses, até o "Trem dos Migrantes" parou de rodar. Aí, então, o movimento do bar caiu assustadoramente. Sem passageiros, os únicos fregueses que tenho são os moradores das chácaras e mansões da região. Também, um trem que demorava três dias até Belo Horizonte, fazendo baldeação, não poderia durar muito."

Como a ironizar as palavras do dono do bar, no quadro de avisos da Estação, igual aqueles encontrados nas estações de cidades do interior, um telegrama informa os novos horários dos trens de passageiros, que entrarão em vigor em 1º de janeiro de 1981.

ABANDONO

Sem movimento atualmente, a Estação tem um quadro de funcionários de quatro pessoas. O chefe é o agente de Estação, Ricardo Vitorino, filho do mais antigo funcionário da rede em Brasília, Valdomiro Vitorino, que, segundo afirma, tem 37 anos de serviços. Além dos funcionários, cinco aprendizes treinam com o telegrafista a função que esperam exercer futuramente.

Como lembrança dos tempos de glória, um sino ainda toca para orientar os manobreiros, uma tradição antiga, como informa Ricardo Vitorino. O aparelho telegráfico, importado da Alemanha, ainda está na ativa, bem como os bancos de amianto, a maioria com mensagens publicitárias de firmas comerciais de Araguari e Uberlândia, as cidades que mais se beneficiaram com a ligação ferroviária com Brasília.

Os letreiros, com o nome da Estação, a única homenagem prestada a Bernardo Sayão, um dos batalhões pela construção de Brasília, e amigo pessoal do Presidente Juscelino Kubitschek, há tempos não existem mais. Na parte da frente da Estação, foram totalmente suprimidos e, nas laterais, ainda se encontra uma parte das letras, mas com o nome incompleto.

Mas, além do abandono e do esquecimento de um pioneiro, um outro fato causa tristeza em quem conhece a antiga Estação Ferroviária, os barracos em que moram alguns funcionários da Rede Ferroviária, todos sem a mínima condição de habitabilidade. Segundo Ricardo Vitorino, são quatro casas de madeira e o resto é barraco "mesmo".

num ponto de integração. Os escoteiros eram os que mais viajavam.

Mas, como tudo que é bom dura pouco, ressalta Absalão, em 1976 pararam de correr os trens para São Paulo. Precariamente, ainda continuou a rodar o trem de Belo Horizonte, que funcionou até 1978. A partir daí, só ficou o "Trem dos Migrantes", um trem de três carros, com primeira categoria, segunda categoria e carro-restaurante. Na primeira categoria, velhas poltronas, sem conforto nem e no outro carro, a coisa piorava, pois os bancos eram de madeira bruta. "Entre os passageiros, pessoas humildes e pobres e os migrantes que conseguiram em Brasília, apenas a passagem de volta."

Deixando a tristeza de lado, Ricardo conta um dos vários casos pitorescos acontecidos na Estação: "Chegou por aqui certo dia, uma família de mineiros, querendo viajar e, de qualquer maneira, tomar o trem de volta para Minas Gerais. Informados de que não tinha mais trem de passageiros, fazendo a ligação para Brasília, mesmo assim eles voltaram novamente. Receberam outra vez, a informação de que não tinha trem. Aí, o chefe da família não aguentou e exclamou: Uai! dizem que mineiro não perde trem. Até aí tudo bem. Mas é a primeira vez que mineiro não pega trem. E, o pior de tudo, que isso foi acontecer logo em Brasília, em plena Capital da República".